

## ZONAS DE LUMINOSIDADE: LUZ E CORPOREIDADE NA PAISAGEM URBANA

### LUMINOSITY ZONES: LIGHT AND CORPOREALITY IN THE URBAN LANDSCAPE

Maria Tatiane de Sousa Freitas<sup>1</sup>  
PPGArtes/UFC  
Não  
Associado/a/e ANPAP:

#### RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre relações entre luz e poder, a partir de duas performances, que agenciam campo das visualidades e corporeidades na formação de visibilidades. Pretende ainda destacar a iluminação como estruturante na constituição de paisagens urbanas e dispositivos de consumo e controle, trazendo os conceitos de luz ordinária e zonas de luminosidade. Para tanto, enseja imbricar tais reflexões com o seguinte questionamento: como provocar rasuras nessa paisagem luminosa, que possibilite criar frestas de escuro, que de modo efêmero, deem a vê o que está invisível?

**Palavras-Chave:** Luz e poder. Visibilidade e visualidade. Performance. Paisagem urbana. Luz ordinária e zonas de luminosidade.

#### ABSTRACT

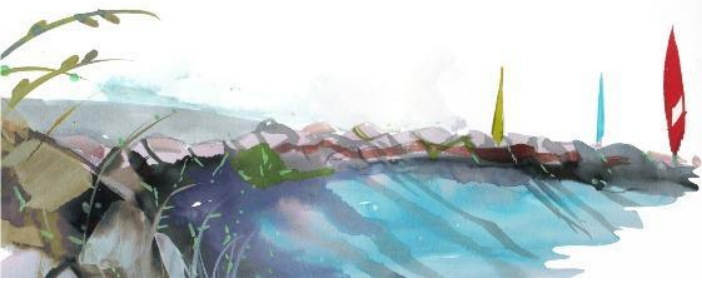
In this article we aim to reflect on the relationship between light and power, based on two performances that bridge the field of visualities and corporealities in the creation of visibilities. Furthermore, we intend to highlight illumination as a key factor in the constitution of urban landscapes and devices of consumption and control, presenting the concept of ordinary light and luminosity zones. To this end, it is important to interweave these reflections with the following question: how can we cause tears in this luminous landscape, enabling us to create gaps in the dark, which, ephemerally, allow us to see the what is invisible?

**Keywords:** Light and power. Visibility and visuality. Performance. Urban landscape. Ordinary light and luminosity zones.

#### Acender uma luz

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes, Bolsista/CNPQ com interesse na interface entre campo das visualidades e atuação teatral, com destaque para iluminação cênica, engendrando questões sobre luz e poder na cena e na cidade. [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=D940127A153ECC8EB952DE871F9DB091.buscatextual\\_0](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=D940127A153ECC8EB952DE871F9DB091.buscatextual_0)



Escrevo sob a luz de uma luminária de mesa e sob a luz de um notebook. Vez por outra, minha atenção é capturada pela notificação luminosa do celular. Isso me faz pensar que estamos imersos em ondas luminosas. Ondas que vemos e que nos fazem ver. Embora, haja ondas que não vemos. A ideia de visível e invisível compõem uma visibilidade e visualidade, que cria eco nas reflexões aventadas nas linhas a seguir.

Partindo do visto e do não visto, o que nos impede de ver, num mundo permeado por luzes? Primeiro, uma limitação humana, uma vez que, os olhos não conseguem captar ondas de curta e alta frequência, chamadas de infravermelha e ultravioleta, respectivamente. O comprimento e a amplitude das ondas visíveis são percebidas pelo olho, gerando uma visão escotópica para enxergamos na penumbra e uma visão fotópica para enxergarmos na luz. A visão escotópica e fotópica possibilitam construir um eixo latitudinal e longitudinal, no qual podemos situar zonas de luminosidades.

Considero zonas de luminosidade como topografias, nas quais a luz cria matizes, que fogem da dicotomia luz versus escuro, construindo campos de negociação luminescentes. Se tomamos topografia, em sua etimologia, como uma grafia no espaço, ela conforma as zonas de luminosidade, criando desenhos com a luz, a penumbra, a sombra e a escuridão, recortando territórios para atuação/ocupação/habitação que não se restringem a área luminosa.

Segundo, no contexto das cidades contemporâneas, a visão é constantemente atraída por dispositivos luminosos de consumo e controle. GADELHA (2020), aponta para uma definição de visibilidade tanto como imagem, quanto como dispositivo, que ativa, fende e expande a visão. Nesse sentido, fachadas de estabelecimentos, postes, semáforos, letreiros, painéis de *LED* constituem parte dessa investida do discurso colonial capitalístico para pensar a visibilidade urbana.

Desses dispositivos, o painel de *LED* (imagem 1), também denominado de dispositivo de transmissão de mensagem (DTM), interessa particularmente. Os painéis de *LED* constroem emolduramentos visuais, desenhando imensas paisagens luminosas. O impacto visual produzido por tais dispositivos é significativo, sendo considerado, por alguns ambientalistas, como poluição visual, tendo, inclusive, gerado uma legislação,



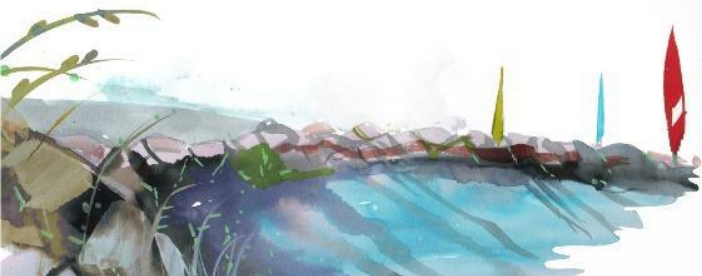
que visa regulamentar e controlar sua afixação, dimensões e natureza da mensagem que difundem, dentre outros aspectos.

Esses objetos luminosos, para além da visibilidade, repercutem visualidades que instigaram a pensar experiências performativas, em torno das quais, iniciei imbricamentos entre paisagens luminosas provocadas pelos painéis de *LED* e dimensões estético-políticas operadas pela lógica do consumo. Porquanto, as performances não tinham como intuito provocar apenas experiência estética, a partir da visualidade, mas pôr em fricção a dimensão política do gesto artístico. Conforme, suscita Gadelha, “Não fazemos apenas estética. Estamos em premonição com traços, sons, imagens etc. O confronto vem daí, mas ele não consiste na força que nos move. O que podemos gerar é o que nos interessa.” (p.130)



Imagem 1. Digital, 8cm X 9cm. Fotografia: Cleomir Alencar

A dimensão estética da luz situada fora do espaço da cena e posicionada no espaço urbano, assim como os demais objetos mencionados acima, trouxe à baila um conceito, com o qual também fui laborando: luz ordinária. O conceito de luz ordinária remete ao significado mesmo da palavra, como algo do cotidiano. Ou seja, uma luz ordinária irradia de objetos, que não estão nos grids de iluminação das salas de teatro,



mas no dia-a-dia. Por seu potencial luminoso, simbólico e estético, esses objetos difusores de luz ordinária podem compor uma experiência performática.

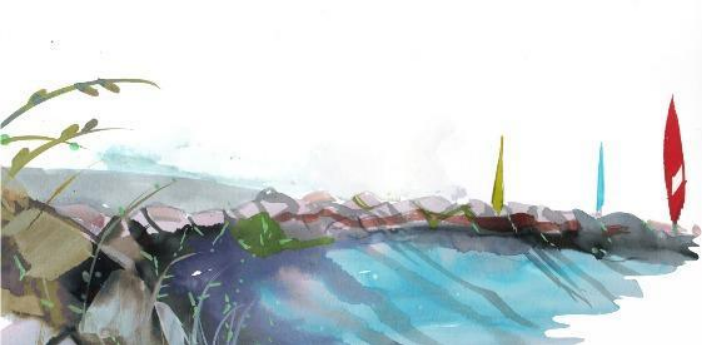
Este artigo pretende refletir sobre o processo de construção e realização das performances Vagalumen e Buraco negro. Almeja ainda apontar para possíveis rasuras provocadas por ambas nessa paisagem luminosa, que os painéis de *LED* produzem, a partir da seguinte indagação: Como rasurar a claridade até que a escuridão apareça?

### **O escuro contorna o previsível**

As performances Vagalumen e Buraco negro foram realizadas no ano de 2024 na cidade de Fortaleza, no Ceará. Inicialmente, a visualidade produzida pelos painéis imantou meu interesse em habitar aquela área de luminância. Principalmente, pelo incômodo que me causavam por ser astigmática. Uma cegueira efêmera que me empurrava na direção daquela luz, como uma mariposa. Então, como “(...) pensar essa ação de ocupação, de ação no chão, e depois ter a coragem de agir.”? (LEPECKI, p. 58)

O primeiro passo foi pesquisar a empresa que trabalhava com esse serviço na cidade. Descobri uma listagem com os pontos, onde cada painel se localizava. Em seguida, criei um mapa (imagem 2) no *Google Earth* e fui colocando os painéis. Cada ponto vermelho consiste na localização de um painel. Olhando o mapa e os pontos vermelhos, fui percebendo uma logística de fixação dos DTMs. Em algumas áreas, havia uma inexistência de painéis e em outras, uma hiper saturação. Analisando mais detalhadamente os territórios de localização, a concentração se dava em regiões consideradas nobres da cidade, enquanto que, a ausência acontecia nos territórios menos nobres.

Assim sendo, inferi que há, de certa forma, uma lógica de estímulo ao consumo na disposição desses painéis, tornando visíveis tais paisagens, e, portanto, suas mensagens, aos que podem pagar. A partir daí, fui pensando como provocar rasuras nessa paisagem luminosa, que possibilitasse criar frestas de escuro, que de modo efêmero, dessem a vê o que estava invisível?



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

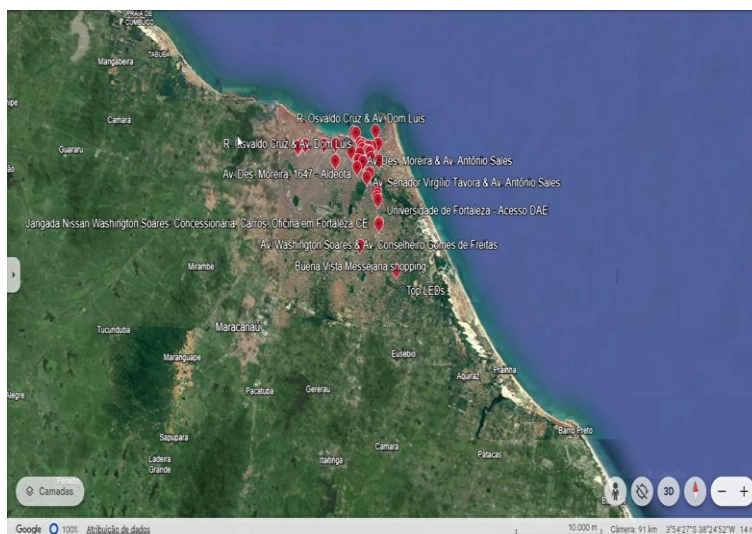


Imagem 2. Digital, 7cm X 10cm. Fonte: Google Earth.

Essa inquietação trouxe em seu bojo uma série de desdobramentos operativos, que diziam respeito a realização de uma experiência performativa, no meu entender, a forma possível de abrir essa fresta na claridade para deixar que a escuridade passasse. Pensamento mobilizado pelas reflexões de CASTIEL (2020), nas quais a modernidade insiste em mobilizar forças para dominar a escuridão e seu mistério, através de todo aparato de que dispõe. Ao mesmo tempo, diante da quantidade de painéis, como definir um ponto específico? Um local para realização da performance? Ademais, a elaboração de um programa performativo também se destacava como ponto a ser pensado e cuidado. Local, suporte e mensagem não podiam ser aspectos apartados, mas também não podiam ser tomados como um amálgama. O desafio era compor um feixe de luz escura, que atravessasse aquele refletor de grandes proporções. Pensar no atravessar, pensar na dança da matéria vista e não vista, um *pas de deux*. Dançar uma dança com tudo o que estava visível para levantar a poeira do invisível, conforme instiga Lepecki

Como dançar uma dança que muda lugares mas que ao mesmo tempo sabe que um lugar é uma singularidade histórica, reverberando passados, presentes e futuros (políticos)? Como promover uma mobilidade que não reproduza a cinética do capital (...)? (LEPECKI, p. 56)



Desse modo, construí os programas para rasurar a luz e ver o invisível.

Antes cabe destacar que, esse processo aconteceu dentro de uma pesquisa em teatro, denominada Luz Ordinária - Sombra Mestiça, fruto de um projeto contemplado no Edital de Microprojetos da Secretaria da Cultura de Fortaleza/SECULTFOR.

Dentro das prospecções entre atuação e iluminação aconteceram ainda leitura de textos, cartografia de objetos luminosos, pesquisa gestual com objetos e ateliê de dramaturgia.

Essa metodologia tornou possível a elaboração do programa. Irei me deter mais pormenorizadamente em duas ações específicas: cartografia de objetos luminosos e pesquisa gestual com objetos. O motivo pelo qual me detenho nelas deve-se ao fato de serem cruciais no desenho da performance. Assim como o mapeamento dos painéis, porém não me alongarei nesse ponto, pois já me debrucei antes.

A cartografia de objetos consistiu em levantamento, aquisição, catalogação de objetos luminosos do cotidiano. Lanternas, luminárias de armário e de mesa, pisca-piscas são exemplos. Embora a cartografia não tenha se resumido a eles, uma vez que, alguns objetos só poderiam ser levantados e catalogados, mas não adquiridos, como é o caso dos próprios painéis, assim como fachadas e letreiros.

Concomitante a isso, praticava a pesquisa gestual com os objetos adquiridos. Pesquisa que abrangeu uma escuta das possibilidades de movência na relação objeto-corpo. Interessava também investigar imbricamentos entre propriedades da matéria, como opacidade e refletividade, e iluminação. Assim sendo, materialidades entraram em cena para compor experimentos em sala de ensaio.

Além disso, a pesquisa contemplava a realização de performances site specif, mirando em espaços onde a luz fosse um dado relevante. Aqui, retomo os painéis de *LED*, pois apareceram como espaço de luminescência que chamava o corpo, convidando-o para fabricar um olho outro, que escapasse da captura da cegueira branca gerada por sua luminância.

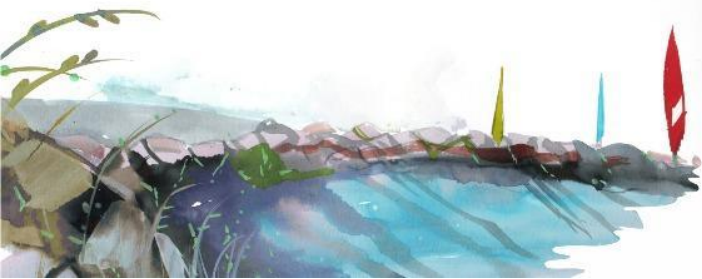


A performance Vagalumen (imagem 3) teve a seguinte instiga: Como se esgueirar de uma luz que controla, negociando com o meio da rua? Intencionando provocar rasuras nessa claridão, escolhi um objeto com o qual pudesse compor um programa performativo. Utilizando pisca-piscas, chamados de fios de fada, escolhi uma área sombreada nas proximidades de um painel de *LED*, situado numa avenida de grande movimentação na região do centro da cidade.



Imagem 3. Digital, 10cm X 7cm. Fotografia: Cleomir Alencar.

Vestindo roupas e sapato preto, enrolei os pisca-piscas em meu corpo e iniciei uma dança minimalista corpo-luz, ao som de buzinas e motores de motos, carros, ônibus e caminhões. Mais do que causar um grande impacto visual, essa performance planteou contrapor luzes sutis e intermitentes a uma luz agressiva e sincopada, operando numa esfera micro, trabalho quase artesanal de abrir rachaduras no espaço. Rachaduras no sentido que Lepecki propõe



(...) a rachadura, finalmente, não é mais do que o chão emergindo como força coreopolítica: desequilibrando e desestabilizando subjetividades predeterminadas e corpos pré-coreografados para benefício de circulações que, apesar do agito, mantêm tudo no mesmíssimo lugar. A rachadura já é o chão, já é o lugar, e é com sua parceria que podemos agir o desejo de uma outra vida, de uma outra pólis, de uma outra política – de uma coisa outra, pois a arte e a política, na sua fusão coconstitutiva, nos relembram que há tudo ainda a ser visto, sim; há tudo ainda a ser percebido, sim; tudo ainda a ser dançado. LEPECKI, p. 57

A performance Buraco negro (imagem 4) almejava criar um bloqueio simbólico a passagem da luz, contraditoriamente fazendo com que se percebesse o objeto que se queria esconder. A obra foi realizada em outra avenida de grande circulação de veículos. Vestindo também roupa e sapato preto, bem como portando um guarda-chuva preto, caminhei na avenida em direção ao painel. Ao chegar em frente do dispositivo, abri o guarda-chuva, permanecendo lá parada por alguns minutos, o tempo do sinal abrir.

Nessa performance tratava-se de atuar como um buraco negro, que engole a luz e tudo a sua volta. Como dito antes, aqui pretendeu-se esgarçar a visibilidade do painel, uma vez que ao me antepor a ele, com um gesto de completa paradez, criava zonas de luminosidade, evocando uma imagem escultural que, de certa forma, atrapalhava a entrada/saída de luz (e por conseguinte da mensagem difundida pelo painel). Esse gesto de impedimento de difusão do claridão das mensagens, configura um ato criminal, nos moldes do que nos dita o discurso colonial capitalístico, e , talvez por isso, faz emergir outros modos de configuração do olho, como nos adverte GADELHA (2020)

Seja na dança entre o visível e o invisível, seja na paradez contraditória que explode movências visuais, as performances Vagalumen e Buraco negro friccionaram as arquiteturas da visibilidade imposta e sobreposta, arriscando sonhar um olho que



desvie dessas armadilhas da claridão e nos possibilite ver outras cidades dentro da cidade.



Imagem 4. Digital, 12cm  
Alencar.

X 7cm. Fotografia: Cleomir

## Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude. São Paulo: N- 1 Edições, 2022.

GADELHA, Juliano. Habitar a escuridão: materialidades negras, o olho e a quebra. Rio de Janeiro: Revista Concinnitas, v. 21, n. 39, p. 127-152, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/49593> . Acesso em 04/06/2025.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. Florianópolis: Ilha Revista de Antropologia, v.13, n.12, p. 41-60, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41> . Acesso em 03/06/2025